

O GRUPO SEXUALIDADE E GÊNERO E SUA ATUAÇÃO DENTRO DO PIBID HISTÓRIA UFPEL: DESENVOLVIMENTO DE OFICINAS.

CAROLINE CARDOSO DA SILVA¹; CAROLINE ATENCIO MEDEIROS NUNES²;
CAROLINE DUARTE MATOSO³, ANDRIELI PAULA FRANA⁴, ANA INEZ KLEIN⁵.

¹ Universidade Federal de Pelotas 1 – card.karol@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – carol.atencio1@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – historiamatoso@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas - andrieli_frana@hotmail.com

⁵ Universidade Federal de Pelotas – anaiklein@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho possui objetivo de apresentar as oficinas realizadas no projeto do PIBID História da Universidade Federal de Pelotas, referente às atividades do grupo Sexualidade e Gênero. Desde 2014, o grupo formado, inicialmente, por seis bolsistas ingressantes do edital 2014/1 possui como um de seus maiores objetivos desmitificar conceitos e sensibilizar o público alvo que são os alunos das séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Entretanto o público alvo não se limita apenas aos alunos, mas também abrange professores, que continuamente lidam com situações de intolerância, ou então sentem a necessidade de se despir de conceitos pré-estabelecidos que carregam algum fardo de preconceito e que, na maioria das vezes, se sentem tão despreparados para lidar com o assunto quanto o próprio aluno que, por sua vez, necessita de uma orientação que nem sempre pode contar no ambiente familiar.

A inserção desses temas no Ensino de História se dá através da análise das relações de Sexualidade e Gênero, entendendo que estas são construídas socialmente e sofrem transformações ao longo do tempo, moldando-se dentro de uma sociedade cultural e historicamente. E, para que essa inserção aconteça de maneira coerente e responsável, são essenciais pesquisas e estudos de teorias sobre esses assuntos. Dentro do grupo de Sexualidade e Gênero o trabalho ocorre em duas etapas: a de pesquisa, onde os estudos teórico instrumentalizam a preparação das oficinas e atividades; e a de aplicação dessas atividades, que acontecem, sobretudo, nas escolas onde o PIBID UFPEL atua.

2. METODOLOGIA

A elaboração das oficinas caminha ao encontro dos objetivos dos demais subgrupos existentes no PIBID História da UFPel, que atualmente são os de Cinema e de Educação Patrimonial, que se subdivide no grupo que estuda a Ditadura Civil-militar em Pelotas e no grupo que estuda a presença afrodescendente em Pelotas. Como todos os grupos foram criados pensando as demandas dos Parâmetros Curriculares Nacionais, e como os Parâmetros Nacionais Curriculares apresentam o debate específico sobre Sexualidade e Gênero, todos esses grupos de pesquisa formam um grande grupo, que se complementa.

O grupo Sexualidade, Gênero e Ensino de História desde seu surgimento, em abril de 2014 tem por finalidade, através de discussões com base nos referenciais teóricos escolhidos pelos representantes dos grupos, elaborar oficinas para serem aplicadas nas escolas em que o PIBID História atua.

Para a fundamentação teórica, a leitura de Joan Scott sempre se fez fundamental. Em seu artigo “Gênero: uma categoria útil para análise histórica” Scott traz o debate sobre a importância da redefinição do papel da mulher nos estudos de processos históricos, sendo esta um personagem fundamental para entendimento dos arranjos sócio-político-econômicos que se deram ao longo dos anos. Essa visão trazida pela historiadora Scott vai ao encontro dos objetivos gerais do grupo de Sexualidade e Gênero: incluir esses temas no Ensino de História, contribuindo para que as mulheres sejam protagonistas de suas vidas e da sua própria história.

Para exposição ao CIC 2016 iremos enfocar em três atividades/oficinas do grupo de Sexualidade e Gênero: Dança dos Corpos, de setembro de 2014; Esqueleto, de dezembro de 2014; e, por fim, Mulheres na Antiguidade, de maio de 2016.

Dança dos Corpos

Oficina criada em 2014. A metodologia consiste na passagem do curta-metragem francês “Maioria Oprimida”, que coloca a inversão dos papéis de gênero. Após, uma atividade de dança é proposta aos participantes, onde homens devem dançar com homens, e mulheres devem dançar com mulheres. Primeiro, estes devem dançar um na frente do outro, sem se encostar; depois dançar de mãos dadas; por fim, dançar com as cabeças encostadas. Feito isso, o debate começa e as impressões do filme e da dança são colocadas pelos participantes, sobretudo o desconforto que geralmente os homens sentem em dançar com colegas do mesmo sexo, etc. Esta é a atividade de maior repercussão e com maior número de aplicações do grupo de Sexualidade e Gênero, até agora.

Esqueleto

Atividade feita e colocada em prática pela primeira vez no final de 2014 numa atividade para professores em formação, na UFPel. A metodologia consiste em, num primeiro momento, em assistir o filme de animação “Perpépolis” que trata das mudanças impostas aos comportamentos e vestimentas pós “nova República Islâmica”. Feito isso, é feita a proposição de que as pessoas presentes devem vestir dois esqueletos feitos numa cartolina com roupas e acessórios variados. Um deles deve ser vestido com roupas consideradas femininas, e o outro com roupas consideradas masculinas. A partir daí, há o debate sobre papéis de gênero e diferenciações feitas culturalmente entre homens e mulheres, e como isso acaba prejudicando mais as mulheres, além de reforçar preconceitos sexistas.

Mulheres na Antiguidade

Em maio de 2016 foi realizada na Escola Estadual de Ensino Médio Leivas Leite a oficina intitulada “Mulheres na Antiguidade”, a pedido de colegas do PIBID que lá realizam o projeto. A oficina foi aplicada durante o período de Ocupação da escola, protagonizado pelos alunos do Ensino Médio, por isso o público de nossa oficina era os ocupantes e os bolsistas pibidianos de outras áreas. A metodologia consiste em uma pequena apresentação oral sobre os conceitos de Gênero e Sexualidade, e os conceitos intrínsecos aos mesmos. Após a apresentação, cada

um recebia um balão com uma frase afirmativa sobre a situação em que viviam as mulheres na Grécia ou Esparta, e a partir dessas frases iniciou-se a discussão sobre as mesmas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As execuções das oficinas, que anteriormente tiveram aplicações prévias com os demais colegas do PIBID durante reuniões anteriores às oficinas, serviram para que montagem fosse feita conjuntamente - através das observações destes - ou seja, o cronograma foi se modificando conforme um apontamento foi feito, bem como críticas e sugestões. Isso fez com que as oficinas se tornassem cada vez melhores podendo ser aplicada com mais sucesso nas escolas. O trabalho em grupo se fez essencial para que o sucesso das proposições do grupo de Sexualidade e Gênero fosse possível.

Muito embora esses debates sejam complexos de serem tratados em sala de aula por serem, ainda, assuntos tabu, relacionar as mudanças econômicas e políticas com as novas percepções acerca da Sexualidade e Gênero faz com que os assuntos fiquem palpáveis a realidade dos alunos. O uso de materiais audiovisuais, de áudio e de imagens também contribui para maior entendimento e absorção dos alunos.

A disciplina de História como o estudo do ser humano através do tempo, serve como aliada da desconstrução de paradigmas, oportunizando ao aluno perceber que diferentes foram as maneiras com que o ser humano lidou com sua própria sexualidade e sua identificação enquanto gênero. Ou seja, se há relatos de insatisfação, de desigualdade e preconceitos até os dias atuais, existe a possibilidade material de haver uma mudança nos arranjos sociais. E esse é o objetivo traçado pelo grupo de Sexualidade e Gênero: mostrar que um novo mundo é possível e, a partir das aplicações e resultados dos debates, o objetivo se mostrou realmente verdadeiro.

4. CONCLUSÕES

Nosso objetivo sempre foi de sensibilizar e desmistificar os conceitos que carregam forte peso teórico relacionados as questões de Gênero e Sexualidade, já que o preconceito está geralmente ligado a falta de informação e ao acesso precário à estas temáticas. O ambiente escolar possui a principal função de interação social e socialização do conhecimento; conhecimento este que deve abranger a todos, devendo tocar as minorias em representação, dando voz e espaço, lidando com tabus e trazendo novos conceitos para o cotidiano escolar. A partir desta visão, todas as práticas e estudos teóricos desenvolvidos procuram levar estas discussões para além do meio acadêmico, abrangendo professores em formação, docentes de escolas públicas e alunos de escolas abrangidas pelo PIBID.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Edineide Dias de. *Cinema em foco: uma abordagem cinematográfica/historiográfica no ensino de História*. Disponível em: http://www.anpupb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%202005%20%20Edineide%20Dias%20de%20Aquino%20TC.PDF. Acessado em 14/06/2015.

BITTENCOURT, Circe. *Ensino de História Fundamentos e Métodos*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: _____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papiru, 1996, p. 74 – 83.

COGGIOLA, Osvaldo. *A Revolução Iraniana*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

FERRO, Marc. *Cinema e História*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

MCCLOUD, Scott. Desvendando os Quadrinhos. São Paulo: M. Books do Brasil Editora, 2005.

NAPOLITANO, Marco. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2003.

BRASIL. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1997, p.126.

ROSSINI, Miriam de Souza. As Marcas da história no cinema, as marcas do cinema na história. *Anos 90*. Porto Alegre, n. 12, p. 118 – 128, dez. 1999.

SATRAPO, Marjane. *Persépolis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHIMIDT, Maria; CAINELLI, Marlene. *Ensinar História: pensamento e ação na sala de aula*. 2. Ed. São Paulo: Scipione, 2009.

SCHINDHELM, Virginia. A sexualidade na educação infantil. *Revista Aleph*, novembro 211, p. 1 – 17. Disponível em: <<http://www.uff.br/revistaph/pdf/art9.pdf>>. Acesso em: 02 de setembro de 2014 à 20h.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 1 – 35.

THIEL, Grace Cristiane; THIEL, Janice Cristiane; *Movies takes: a magia do cinema na sala de aula*. Curitiba: Aymará, 2009.